



## WIESBADEN E SEUS CONTORNOS

Wiesbaden, celebre por suas aguas mineraes, e aonde todos os annos concorre um grande numero de estrangeiros, é uma das mais conhecidas cidades de Allemanha. Foi fundada, um seculo antes da era christã, pelos Ubianos, pequeno povo da Germania, que d'ella fizeram a sua capital. Não existe historia d'este povo: apenas d'elle se sabe o pouco que disseram os romanos, com os quaes havia feito alliança.

Parece que as nascentes de agua quente de Wiesbaden eram já conhecidas dos romanos no tempo das suas primeiras guerras no Rhenò; Plinio falla d'ellas no seu tratado de historia natural, escripto oitenta annos depois de christo: «a agua, diz elle, trez dias depois de tirada da nascente, ainda está quente».

Os principes do ducado de Nassau, cuja capital é Wiesbaden, descendem da antiga familia de Laurenburgo, que reinou por muito tempo sobre as duas margens da ribeira de Lahn. O castello onde residiam, e que tem o mesmo nome, ainda existe; eleva-se no cume de uma montanha situada na margem esquerda da ribeira de Lahn, quatro leguas distante do Rheno.

Wiesbaden contem um grande numero de antiguidades romanas; as mais notaveis são um muro de quinze a vinte pés de altura, que out'ora servia de cerco á cidade, e muitos banhos perfeitamente

conservados. Estes banhos teem noventa pés de comprimento, sobre dez de largura e cinco de profundidade; os tanques são construidos de cantaria, e o fundo forrado de tijolos quadrados em muitos dos quaes se veem as iniciaes da 22 legião romana. Nos arrabaldes da cidade teem-se encontrado quasi todos annos um grande numero de tumulos inscrições, etc.

A meia legua de Wiesbaden, existe um sitio, no meio de um bosque, onde repousam, dizem, as ossadas dos Ubianos e dos Mattiacos: «*Sepulcrum cespes erigit* (Tacito).» Por detraz d'este cemiterio eleva-se o Neroberg, ou monte de Nero, sobre os flancos do qual se vêem ainda as ruinas de um palacio romano. Segundo a tradição, estendia-se um vasto parque sobre esta moatanha, que comprehendia em seu ambito a floresta que cobre o Taunus. Quasi todos os cumes d'este monte são coroados por grandes pedras, restos de fortificações levantadas pelos povos antigos da Germania para se defenderem contra os ataques dos romanos. É obra dos Ubianos, ou dos povos que os precederam n'este paiz? É o que se não sabe. É provavel que estas construcções fossem não somente um meio de defeza, mas que servissem tambem de limites e de linhas de demarcação. São ellas, sem duvida, que deram aos romanos a idéa da famosa muralha (Teufelsmaner, ou muro do diabo) e do immenso fosso que se estendia desde o Rheno até ao Danubio.

Wiesbaden deve os seus primeiros aformoseamentos ao duque Frederico Augusto. O Kursaal, começado em 1808, é o mais notavel edificio da cidade; existe n'elle uma salla que, pela sua grandeza e decoração, pode rivalisar com as melhores de Pariz e de Londres. O theatro, construido na mesma praça em que se acha o Kursaal, não cede, pelo gosto da sua architectura, pela riqueza de seus ornamentos, á nenhuma outra construcção d'este genero. A grandeza do salão foi calculada sobre o numero dos habitantes e dos estrangeiros que alli vão passar a estação das aguas.

Ha vinte annos, a nascente principal de Wiesbaden era rodeada de uma muralha; hoje brota em liberdade no meio de um passeio delicioso, centro de reunião de todos os estrangeiros e não menos frequentado dos habitantes da terra. Todas as manhãs, das cinco ás sette horas, uma orchestra numerosa se colloca em um ponto qualquer do passeio, e, bebendo a agua quente, doentes e curiosos teem o prazer de ouvir as arias mais melodiosas de Weber, Weigel e Mozart, desempenhadas como só se desempenham em Allemanha. Esta musica e o ar fresco da manhã contribuem, quasi tanto, estou certo, para a cura dos doentes, como a enorme quantidade de copos de agua que os fazem beber todos os dias.

Em Wiesbaden ha quatro nascentes principaes e onze secundarias que fornecem a agua para todas as casas de banhos. A mais abundante é a chamada Kurbrunnen. A agua d'estas nascentes deposita, como Plinio já o havia notado, uma pedra muito semelhante á pedra pomes, e á qual se dá o nome de *sinter*; no museo da cidade existem bellas amostras crystallisadas. Os elementos principaes das aguas de Wiesbaden são o carbonato de cal, magnesia, hydrochlorato de soda, hydrochlorato de cal e de magnesia, sulphato de soda, algum aluminio e algum ferro dissolvido no carbonato de soda. Comtudo, estas substancias variam segundo as differentes nascentes. É preciso um espaço de trinta e seis horas para que, exposta ao ar, a agua arrefeça; forma-se então sobre a sua superficie uma pellicula fina, branca, composta de cal pura. Os medicos recommendam as aguas de Wiesbaden ás pessoas atacadas de rheumatismo chronico, gota, paralytia dos membros, doenças metasticas, sarnosas ou herpeticas; ellas teem sobretudo muita virtude contra os abscessos e doenças cutaneas.

Todos os estrangeiros que teem visitado Wiesbaden não se cansam de gabar os seus arrabaldes e, certo, que em todo o elogio que possam fazer não exageram. O que haverá mais lindo, por exemplo, que Dietenmuhl? Um caminho areiado, bordado de flores, que parte do passeio de Kursaal, conduz aquelle delicioso retiro. Um pouco mais longe, a meia legua da cidade, estão as ruinas do castello de Sonnenberg (montanha do sol) que se elevam magestosamente sobre um rochedo e dominam a linda aldêa do mesmo nome. Diz-se que nos tempos antigos havia sobre este rochedo um templo consagrado ao sol. Seja como fôr, é certo que o castello, cujas ruinas existem; foi construi-

do pelos fins do seculo XII; mais tarde serviu de habitação aos condes de Nassau, e o imperador Adolpho engradeceu-o e fortificou-o. Foi devastado durante as guerras que o paiz teve de sustentar no seculo XIII contra os suecos e pelos fins do seculo XVII contra a França.

Riébrich, residencia do duque de Nassau actual, acha-se a uma legua de Wiesbadan. O castello que se eleva na margem direita do Rheno, é construido ao estylo moderno e apresenta um magnifico ponto de vista. D'alli se vê o Rheno, quasi na sua maior largura, coberto de uma multidão d'ilhas, e de um grande numero de embarcações de todo o genero; ora, barcos a vapor passando com a rapidez do relampago, ora navios mercantes, ora barcos pequenos, ora grandes jangadas, andando lenta e vagarosamente, que servem para o transporte das madeiras das florestas de Allemanha.

O parque de Bièbrick rivalisa com o que ha de melhor n'este genero; é um passeio deliciosamente variado. Nota-se alli sobre tudo um pequeno castello imitando a architectura da idade media e edificado no meio de um lago, n'um sitio admiravelmente romantico.

A aldeia de Schierstein é celebre pelo seu vinho excellente, designado pelos nomes de *lacrima diaboli* ou *lacryma infernalis*.

## A GALATÉA MODERNA

Por A. OZORIO DE VASCONCELLOS

### IV

D. Violante á baroneza do Alpedral

Minha querida.— Estou infernando de invejas. Dès que li a tua ultima carta, não socégo, não durmo, vivo em perpetua exitação. Porque motivo descreves com tão vividas cores o ultimo baile do club, as *toilettes* esplendidas, a orchestra encantadora, as walsas rodopiantes, o coquelismo sentimental, todas essas vertigens, todo esse oceano de prazeres, e gosos olympicos, em que tu fluctuas docemente embalada pelas brisas lisongeiras? Porque motivo, infernal amiga, feiticeira encantadora, me estás mostrando a taça de oiro, aonde te embriagaste, aonde sugaste com labios voluptuosos o licor divino, que te deu extasis de huri, sonhos igneos, visões queimadoras? A walsa, a walsa! Quem me dera revolver endoidada, sem tino, sem pezo, sem tocar o chão, arrastada pela orchestra que ora freme em paroxismos agudos, ora se desentranha em queixumes valentes, furibundos, loucos, como a maldição do Adamastor! Quem me dera respirar as lufadas ardentes do baile, sorver uma a uma as lavas d'esse vulcão, tisnar-me sem dó nos lumes de gaz, luctuar, fluctuar no redomoinho immenso! E depois que me importava a morte! Mais vale uma noite assim, do que a vida aqui, n'estes cerros malditos, ouvindo o balar queixoso das ovelhas, que pastam nas campinas. A vida bucolica! Pois ha coisa mais monstruosa e aborrida, do que contemplar o riacho, que corre sob os salgueiros! Se eu ao menos pudesse ser nympha dos bosques! Mas até as dryadas fugiram espavoridas, e já não

há tentar homens nos recessos namorosos! A vida é essa, é a que vive aqui. A vida é respirar a atmosphera de fogo, é surgir radiante cingindo uma aureola luminosa, e cegar os lisonjeiros, que se rojam e pedem uma scintilha, que os illumina nas trevas do seu amor. A vida é sentir em pouco tempo um seculo de gosos, é arrojlar lama aos que passam e pedem a esmola de um olhar, é caminhar ávante e dar a morte em um sorriso.

A vida é a walsa vertiginosa, louca arquejante. Que monta morrer depois, á saída de um baile, exausto de forças, açoitado pela brisa gelada da noite, se calcamos flores, se deliciamos na febre da dança, e se o ultimo passo da derradeira walsa nos arrojou á sepultura!

Ah! mesmo n'esta solidão, aonde chegam apenas esmorecidos echos d'esse tumultuar de folgança, sinto pular o coração ancioso, quando me descreves os encantamentos da tua vida. Quizera acompanhar-te... e não posso. Que supremo desespero! Não posso! Que tormento santo Deos! Preso a este rochedo, como Tantaló, vejo os fructos a lourejar por entre a ramaria, e se acerto de estender a mão, para os colher, encontro o vacuo, a solidão, a clausura, o tedio.

Para que nasci? De que me serve ser linda, como dizes nas tuas lisonjarias, de que me serve o meu rosto de fada, o meu olhar languido, o meu seio arquejante a minha cinta breve e flexivel se hei de morrer aqui n'este cantinho do mundo, rouxinol perdido no deserto, flor secca na estufa? Oh! mas não. Venha a lucta, acceto o repto da desgraça. Constrange-se o coração. Seja o amor... mercancia. Extinga-se o pranto, acabem as insomnias de moça gentil, que entrevê o paraíso e devancia delicias ineffaveis. Amor! Aventemos para longe esse fardo pezadoissimo, essa corôa de espinhos, que nos dá a realza na escravidão. Sejamos mulher como o seculo a fez.

A Galatêa não vive nos bosques, antes se refugiou nas salas. Pois serei a Galatêa moderna... como tu, querida baroneza, que attraes os teus admiradores para os queimar depois. Serei *coquette*. Cada sorriso meu será mordedura de cupido em coração de homem. Reinarei, sim, mas encostada ao braço de um escravo. E esse escravo... Custame a escrever o nome d'elle. Sinto calor nas faces. Tenho pejo. Que creancice! Vou ver-me no espelho. Credo! Como o rubor me tingiu o rosto. Pareço uma romã. E então! Não estou a namorar-me a mim mesmo! Serei tão bonita, como dizes? Como os meus olhos scintillam nas orbitas! São negros, negros e brilhantes, como carvões, que chispam na escuridão. E choro e rio ao mesmo tempo! Ora me parece que suffoco, ora julgo fluctuar na amplidão.

Isto é loucura! Se Alfredo me visse! Ah! Eil-o que chega. Deixai-me esconder esta carta. Combatamos!

Que escaramuça! Foi guerra de guerrilhas, foi um tiroteio continuado e regular, em que elle fi-

cou mal ferido. Estou a ler immensa curiosidade nos teus olhos maganos. Ouve pois:

Alfredo vinha melancolico e trazia o Dante, porque queria tomar-me a lição de italiano. Traveuse a conversação. Eu estava preparada. O theatro representa uma saleta arruinada, com duas grandes janellas no fundo, uma banca de mogno antiga, de pés salomonicos e gavetões cheios de pergaminhos velhos, que são os titulos da familia. Eu estou assentada em cadeira enorme, com ademanes da heroína das cruzadas, rosto erecto e grave ligeiramente encostado á mão. Alfredo assenta-se n'outra cadeira, a uma distancia rasoavel sem se atrever a passar a linha de respeito. Olha o Dante, folheia-o com ardor, olha para mim, como um meirinho inquisitorial dos velhos tempos, e pergunta enfim:

— Já estudou a lição? Venho hoje muito rigoroso.

Estou por um pouco a perder o serio, que guardo com muito custo, e respondo zombeteira:

— Por favor, primo, esqueceu-lhe a palmatoria. O seu Dante é de uma difficuldade pasmosa, e quando entendo alguma coisa do *Inferno*, tenho pesadellos de noite. Prefiro Petrarca.

— Petrarca, esse eterno chorão, cujas lagrimas ainda alimentam a fonte de Vaucluse, Petrarca, essa creança, que morreu senil, sem nunca apertar nos braços a Laura, que o inspirou! Confesso, prima, que Petrarca chega a causar dó.

— Petrarca, é modelo de encantos, como eu os comprehendo, e como o primo *deve* comprehendel-os.

— Como *devo*... oh! Parece-me que não ouvi bem.

— Perfeitamente. Quem tanto se compraz na vida campestre, não é muito que suspire debalde toda a vida atraz de Galatêa. Pergunte ao amor, quando suspirou nos bosques e agitou as cordas da harpa éolia, se s'importa que os sylphos o oiçam. O vento suspira, porque é esse o seu destino.

Assim devem fazer os poetas da sua tempera, assim faziam os trovadores nos seus queixumes do amor, assim fez Petrarca, assim deve fazer o primo. Ser Melihen só para comer castanhas e beber leite fresco e lembrar os esplendores de Roma... para isso não valia a pena esse seu rosto sombrio e melancolico, que lhe fica a matar. Qualquer minhoto namorado é Melihen, quando acerta de encontrar Galatêa esquiva e louçã.

— Com que então, segundo o que a prima diz, eu estou namorado.

— Isso é exagerar horriavelmente as minhas palavras. Não sei se está namorado, nem mesmo quero saber-o.

— Na sua idade, prima, saber-o é causal-o, bradou Alfredo erguendo-se e fitando-me singularmente.

— Deixe-me rir, primo. Desculpe este riso intempestivo, mas estou hoje muito nervosa... Com que então... Não, não quero saber-o. O primo não pode estar namorado, e se o estiver, faça como Petrarca. Suspire e faça sonetos, invoque as musas.

Immortalise as dryadas da fonte fresca, que aguarda ha seculos o seu Petrarca. Aquella fonte fresca, tão romantica, tão cheia de poesia, com o seu olmeiro carcomido pelos annos, com os queixumes da sua lympha crystallina, com os seus limos verdejantes, com o seu tapete de relva, com o seu penedo de granito ao lado! Por Deus! primo, improvise um soneto á fonte fresca. Olhe, já lhe dou o principio:

Formosas dryadas da fonte fresca  
Vinde espreitar a beira do cristal!  
Ouví, ouvi queixumes de um zagal  
Que se fina de amor, de noite á fresca.

Não. Isto assim não vae bem. Não ha rima para *fresca*. Emfim, improvise o soneto como quizer, e pôde começar os versos por letra pequena, porque não hão de confundir-se com prosa.

Alfredo ficou aterrado. Não sabia como responder aos meus ataques.

O pobre rapaz estava arrependido da sua poesia bucolica. Afinal, passado um momento rapido, exclamou:

—Está enganada, prima. Se por acaso quizesse recorrer á mythologia grega para exprimir os meus amores, e caísse no immenso ridiculo de tocar a frauta pastoril ia sentar-me á beira da fonte e mirando-me a mim mesmo, diria, como Narciso, e em prosa «Podes fugir, Galatea, que não te sigo nem persigo.»

—Devéras! Isso é que é ter caracter.

Pois o primo havia de estar sempre a mirar as proprias feições!

—Se encontrasse a Galatêa e vivesse nos formosos tempos, a que a prima quiz transportar-me, preferira a parvoice de Narciso.

—Com que enlão o primo não é Melihen.

—Nem mesmo como castanha pilada.

—Aborrece portanto Petrarca.

—Petrarca é o rei dos trovadores da meia idade.

—Logo não é trovador tambem.

—Ah! Já sei! É D. Juan.

Alfredo soltou uma gargalhada, e exclamou:

—Não sou nada. Sou o seu mestre de italiano, sou seu primo muito respeitoso. Vamos pois á lição.

Eu estava zangada com Alfredo. Não podia conciliar a atenção. A manhã corria chuvosa e carancuda, o ceu toldava-se de nuvens negras, que cofriam impellidas pelo sul gemedor. Os arvoredos descarnados abanavam os troncos. Não sei porque caí derepente em um accesso de melancolia. Sou verdadeira. A actriz tinha desaparecido, e fiquei qual sou, creatura debil, amavel, e triste, vivendo na solidão, açoitada pela desgraça, sem um seio de mãe, aonde repousar nas horas da angustia, sem um carinho, sem um osculo de amor casto e santo, sem uma visão consoladora, sem um echo sympathico no meu isolamento, sem animo para encostar a cabeça dolorida. Comecei a chorar amargamente. Não pude conter o pranto, por mais que quizesse. Quizera reter os soluços, embora o coração ficasse morto para sempre; quizera secar o pranto ainda que depois me affogasse n'elle. Ah! mas não pude.

A dor era immensa e fôra exacerbada pela propria zombaria. O sarcasmo irritante que mostrára, tinha provocado o choro, e foi em prantos, que traduzi o celebre terceto de Dante, esse grito sublime de um coração que se parte de saudade, e geme em ferros de desventura:

Nessun maggior dolore  
che ricordarsi del tempo felice  
Nella miseria.

Alfredo fitou-me outra vez. Tremia-lhe a falla, os seus olhos tambem estavam humidos. Travando-me da mão, disse n'um impeto:

—O que tem Violante?

Eu ergui-me e tirei a mão d'entre as d'elle. Encostei-me ao peitoril da janella, contemplando a natureza morta e nua e profundamente melancolica, ciciet:

—Olhe primo, como tudo respira saudade e tristeza. Parece que todos os ruidos das campina se unem e formam um gemido plangente. Eu tambem sinto saudade. Só tenho saudades de minha mãe. O terceto de Dante pinta o estado da minha alma.

—Tudo tem remedio, respondeu Alfredo.

—A saudade não o tem. Pelo menos não o quero nem o aceito.

E sai zangada da minha fraqueza, odiando Alfredo do fundo da alma, e jurando vingar-me. Agora sou outra vez o teu diabrete —VIOLANTE.

(Continua.)

## SEPULTURA DE GIL VICENTE

O gran juizo esperando,  
Jaco aqui nesta morada;  
Tambem da vida cansada  
Descansando.

Pergunta me quem fui eu,  
Attenta bem para mi,  
Porque tal fui coma ti,  
E tal has de ser como eu,  
E pois tudo a isto vem,  
O leitor, de meu conselho,  
Toma-me por teu espelho,  
Olha-me e olha-te bem.

Os Athenienses, segundo affirma Alexandre de Alexandro, livro 3º, tinham lei, que condemnava á morte o rei, que com demasiado vinho se alienasse. Os Indios, de que escreve Atheneo, cujo rei davam em guarda a certo numero de donzellas, ordenaram que, se alguma d'aquellas o achasse com vinho demasiado fôra do seu juizo, e o matasse, esta fosse despozada com o successor a quem vinha o reino. Os Macinenses, como o seu rei fazia algum erro no governo, não lhe davam de comer aquelle dia. Os Persas faziam ao seu rei estar escondido no interior das casas, para nem ver mulheres, nem ser muito tratado dos homens, como conta Herodoto, livro 3º.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO.

Acontece muitas vezes tomar-se uma paixão natural por uma virtude moral.



### O MANNA

O *Manná*, (*Manna, Ros calabrinus*) assim chamado por allusão ao milagroso sustento que Deos enviou aos Israelitas no deserto, é uma substancia *sui generis*, concreta, assucarada, laxante, inodora quando fresca, que transsuda de muitas especies de freixo e principalmente do *Fraxinus ornus* e do *Fraxinus rotundifolia*, arvores que vegetam

em toda a Europa meridional, especialmente na Calabria e na Sicilia. O manná escoá-se naturalmente pelos poros da epiderme e pelas fendas da casca; para obtel-o, porém, em maior abundancia, praticam-se profundas incisões na parte superior e sobre um dos lados do tronco da arvore que se quer explorar.

Tres são as especies de manná que se distinguem no commercio. O mais puro denomina-se *Manná*

em lagrimas (*Manna lacrymata*, *Manna canolo*); é em pedaços alongados, leves, irregulares, mui friáveis, de um branco amarellado, aspecto crystallino ou granuloso, sabor doce, assucarado, um pouco enjoativo. O Manná em grãos ou commun (*Manna granulosa*, *Manna communis*) compõe-se de pequenas lagrimas agglutinadas por um liquido viscoso; tem um sabor mais assucarado que o precedente, mas o cheiro é nauseabundo. O que vem da Sicilia chama-se *Manna geracy*, e o que provém da Calabria *Manna capacy*. O Manná pingue ou inferior (*Manna pinguis*, *Manna sordida*, *Manna spissa*) tem o aspecto de massa molle, glutinosa, cheia de impurezas, taes como fragmentos de vegetaes, terra, areia, etc; é mais nauseabundo que o manná commun e o sabor assucarado é muito desagradavel.

O Manná é solúvel em agua e em alcool. Além do assucar amorpho e da gomma, encerra uma materia branca e crystallina, a que se dá o nome de *Mannita*, que é o seu principio chimico caracteristico, e um principio nauseoso ao qual se attribuem as suas propriedades medicas. A mannita, não obstante o seu gosto assucarado e a analogia da sua composição com o assucar ordinario, não é susceptivel de fermentação alcoolica. Obtem-se dissolvendo o manná em alcool fervente e redissolvendo em novo alcool o precipitado que se forma pelo resfriamento. Comtudo a mannita não pertence exclusivamente ao manná; encontra-se tambem nos sucos transsudados por certas cerejeiras, macieiras, em algumas especies de cogumelos, algas etc.

O manná em lagrimas emprega-se como purgativo doce. Entra em muitas preparações pharmaceuticas taes como pastilhas de Calabria, marmellada de Tronchin. etc. Algumas vezes é substituido pela mannita. O manná commun applica-se mais particularmente em crysteis. O manná inferior não tem hoje serventia entre nós.

Quanto ao Manná que sustentou os Israelitas no deserto, diz-nos Moyses (Exod., XVI) que apparecia de manhã como o rocío, e que a terra se achava coberta de grãos miudos semelhante orvalho congelado. O historico do sagrado accrescenta que o manná tinha a forma da semente de coentro branco e que o gosto era da mais pura farinha misturada com mel. Cada Israelita recolhia um gomor (pouco mais ou menos 2 litros,) e o manná derretia-se e desaparecia desde o momento que o sol aquecia o terreno.

Além disso, o manná amontoado corrompia-se no fim de vinte e quatro horas, de sorte que era preciso renovar a provisão todos os dias. Entretanto, na vespera do sabbado, faziam duplicada colheita, afim de não trabalharem no dia consagrado ao descanso, e então o manná podia-se conservar pelo espaço de quarenta e oito horas. Diz-se tambem, que o povo costumava pizar o manná sobre uma pedra ou almofariz, cozia-o depois e fazia d'elle bollos, cujo sabor era de pão amassado com azeite. As particularidades tão precisas em que entram os livros santos tratando do manná, fazem ver, mui

claro, que era um sustento verdadeiramente milagroso enviado todos os dias por Deos ao seu povo. Todavia uma multidão de auctores tem procurado destruir a idéa de milagre attribuindo o facto a um simples phenomeno natural. Pelo que, a maior parte, d'estes escriptores tem identificado o manná com a materia que distilla de certas plantas, leguminosas. Alguns tem avançado que o manná era uma especie de musgo conhecido pelo nome de *Parmelia* ou *Lecanora esculenta*, que nos desertos do Oriente, costuma apparecer subitamente, de tempos a tempos, sobre uma vasta extensão de terreno. Eis aqui uma noticia curiosa publicada ha annos em uma revista scientifica:

«Alguns jornaes tem annuciado que no districto de Jenicheher, Asia menor, caiu do céu, no mez de janeiro, uma grande quantidade de manná em pedaços do tamanho de uma avelã, que sepultou a terra sob uma espessura de 3 a 4 pollegadas, e que os habitantes se sustentaram durante muitos dias. Este manná fornecia uma substancia muito branca; mas o pão, que d'elle faziam era insipido. O mesmo phenomeno se tinha já dado no mesmo lugar em 1841. Por muito estranho que pareça este facto, não póde deixar de ser attribuido a causas perfeitamente naturaes. Os exemplos da appareção repentina de uma materia comestivel, que parece cair da atmosphera, já na Asia, já na Europa, não são muito raros. Todas as vezes que se tem observado esta substancia, tem-se reconhecido que não é outra coisa mais do que uma especie de musgo, *Parmelia esculenta*, cujo tecido muito succulento póde ser comido pelos animaes. Leveillé, na sua viagem á Criméa, encontrou-a em grande quantidade á superficie do solo, apresentando alli uma côr cinzenta e formando pequenos montinhos. Observando um grande numero de especies d'este singular vegetal, achou-as sempre livres e separadas do solo, e nunca póde conhecer-lhe pontos de ligação de sorte alguma. Aucher Eloy, na sua viagem á Persia, tambem viu e mencionou um facto do mesmo genero. Emfim, os jornaes nos tem dado a saber {que, no tempo da expedição do schah da Persia contra Hérat, os habitantes d'esta cidade acharam e recolheram em grande quantidade, sobre a superficie do solo, uma substancia inteiramente semelhante, que lhes serviu de alimento por muitos dias, e a qual se resolveram a comer vendo as cabras sustentarem-se d'ella. N'estes differentes exemplos, como tambem no facto recentemente observado em Jenicheher, o maravilhoso manná não é mais do que uma especie de lichen que os ventos conduzem em grande quantidade para deposital-o depois a uma distancia mais ou menos consideravel».

Seguramente, o phenomeno da appareção d'este Lichen offerece uma analogia singular com a do manná dos Israelitas; mas, ainda assim, identificando-se este ou com o manná da Tamargueira, ou com o *Parmelia esculenta*, não póde deixar de se admittir a intervenção milagrosa do poder divino, dando-se credito á narração de Moyses. Effetivamente, como se póde explicar, sem isso, que as Ta-

maris do deserto fornecessem manná sufficiente para sustentar perto de dois milhões de homens durante quarenta annos, ou que o phenomeno d'esta queda de lichen se reproduzisse exactamente seis vezes por semana durante o mesmo periodo de tempo?

A etymologia da palavra *manná*, em hebraico *man* é muito incerta. «*Man*, diz Bergier, é um monosyllabo primitivo que, nas linguas antigas e modernas significa: alimento, sustento. A dizer a verdade, Moyses parece applicar este nome ao espanto dos Israelitas que, vendo o manná pela primeira vez, disseram: *Man hu*, o que é isto? Mas o texto hebreu é susceptivel de outro sentido.»

## O REINO DE DAHOMEY

O abbade Borghero, superior da missão do Dahomey, na sua volta á Europa em julho de 1863, forneceu as noticias mais interessantes sobre aquella celebre região. Sabe-se, com effeito, que Dahomey é um ponto de Africa, onde o trafico dos escravos ainda hoje tem logar em tão larga escala como nas margens do Nilo Branco. Sabe-se igualmente que aquelle paiz é o mais sanguinario do mundo, gemendo sob um despotismo sem limites e sem compaixão. Os sacrificios humanos alli são um uso religioso, um costume nacional. Se o rei os quizesse supprimir, os subditos vociferariam contra a heresia e reclamariam a conservação das suas santas tradições!

Já, em 1863, M. Borghero tinha dado nos *Annaes da propagação da Fé*, uma noticia circumstanciada da sua viagem á capital d'aquelle reino barbaro, chamada *Abomé* ou *Agbomé*, e da sua recepção pelo rei. Começaremos, pois, por extrair d'esta narração alguns dos pontos mais importantes e completaremos o nosso artigo com as communicções recentes de M. Borghero á *Sociedade de geographia* de Paris,

Para se chegar a Abomé atravessa-se uma floresta de vinte leguas de largo, cuja estrada é aberta a machadadas. Esta floresta compõe-se de pequenas mangueiras, algodoeiros gigantes, palmeiras de diferentes especies. O algodoeiro, que attinge algumas vezes uma altura de quarenta metros, é objecto de um culto particular.

Os negros de Dahomey, no que diz respeito a agua, estão em peiores condições que os habitantes de Paris. Não fazem poços, mas contentam-se com a agua lodosa e esbranquiçada que se junta em covas pouco profundas. Mesmo na capital a agua é pessima e cara, porque é preciso ir buscal-a muito longe. Só o rei tem direito a beber de uma fonte cuja agua é um pouco transparente.

Além de Allada estende-se uma zona pantanosa que tem perto de 100 kilometros de largura. Os conductores das machilas atravessando os pantanos esterram-se muitas vezes até aos rins, o que dá não pequeno trabalho para se desembaraçarem. Perto de Cana, cidade santa de Dahomey, encontram-se muitas aves, entre as quaes se nota uma do tamanho de uma gallinha, que se assemelha á pequena aguia dos Alpes; vêem-se tambem pombos de ra-

ra belleza, e outros passaros de esplendida plumagem mosqueada de azul, verde, vermelho e violeta.

A caravana de M. Borghero chegou a Abomé pelas cinco horas da manhã, e parou no meio da rua, não longe de um immenso algodoeiro, cuja sombra formava uma barraca natural. O principe Choudato avançou a cavallo, armado convenientemente, e andou tres vezes com a sua escolta em roda do algodoeiro, saudando-o respeitosamente. Dous cabecéres (altos funcionarios) apresentaram-se depois a M. Borghero offerecendo-lhe aguardente da parte do rei. A aguardente é o verdadeiro deos d'estes negros.

Acompanhados da sua escolta de honra, os missionarios chegaram á frente do palacio real, que não é mais do que um vasto recinto de tres kilometros de circumferencia, cheio de casas que outro tempo foram coroadas de craneos humanos. Notava-se no interior a famosa *casa das conchas*, grande edificio inteiramente coberto de conchas, isto é, de dinheiro, porque estas são a moeda no paiz de Guiné. É d'este modo que o rei faz ostentação das suas riquezas.

Quando todos se assentaram debaixo do pavilhão de parasoes em um dos pateos do palacio, as libações de aguardente e as felicitações, sempre as mesmas, recommençaram com grande entusiasmo. O rei apresentou depois a M. Borghero o estado maior do exercito das mulheres.

Effectivamente, o rei de Dahomey tem por guarda de honra um corpo de amazonas, intrepidas guerreiras, que são, especialmente, encarregadas de cortar as cabeças nas fileiras inimigas. O numero é, segundo M. Borghero, que as contou, de 2:500 e não de 4 a 10:000 como se tem sustentado. Julio Gerard, o caçador de leões, deixou-se enganar na avaliação d'este numero porque, fizeram desfilar diante d'elles tres ou quatro vezes o mesmo batalhão de amazonas, como se costuma fazer com um exercito de theatro.

M. Borghero tomou conhecimento com as duas generaes d'este exercito estranho. A primeira, de uma idade já avançada, offerecia um verdadeiro typo militar; os seus modos marciaes mostravam claramente que a sua vida tinha sido passada nos campos e no meio das vicissitudes da guerra. A mais nova, era de um aspecto mais brando, mas, não obstante, muito desembaraçada. Mostrava grande habilidade no manejo das armas.

No dia seguinte ao da recepção, o rei deu aos seus hospedes brancos o espetaculo de uma fantasia guerreira. Mandou collocar na praça de armas uma grande porção de molhos de espinheiro e cáctus, que occupava 400 metros de comprimento, seis de largura e dois de altura. A uma distancia de quarenta passos, elevava-se o madeiramento de uma casa do mesmo comprimento e da altura de cinco metros. O telhado era coberto dos mesmos vegetaes. Quatorze metros além d'este edificio via-se uma fileira de cabanas. Quando se deu o signal do ataque, algumas centenas de mulheres precipitaram-se, com uma *ffria dahomana* sobre o

monte de espinhos, atravessaram-o, saltaram sobre a casa, desceram como que procurando um rodeio offensivo, atacaram-a novamente, tudo com uma rapidez extraordinaria, vertiginosa. Estas mulheres subiam, rojavam-se pelas construcções de espinhos com tanta facilidade como uma bailarina volteando sobre um estrado, e portanto pisavam com os pés nus as pontas agudas dos cactus. Quando as evoluções terminaram, viram-se entrar no palacio com as pernas rasgadas e ensanguentadas, trazendo cada uma um molho de espinhos. As que mais se distinguiram receberam corôas de silvas e enfeitaram o corpo com o mesmo arbusto.

M. Borghero faz uma pintura horrivel dos sacrificios humanos que se executam annualmente em Dahomey. Durante a noite em que deve ter lugar o repugnante espectáculo, ninguem pode circular pela cidade. Todo o individuo que é encontrado paga caro o atrevimento. Contudo, companhias de musicos passeiam na sombra cantando de um tom lugubre. Pela meia noite, uma descarga de mosqueteria annuncia o principio das execuções. As victimas são conduzidas á praça, em series de vinte e quatro ou trinta. Tapam-lhes as vias respiratorias, e apertam-lhes o peito até os verem dar o ultimo suspiro.

Uma outra maneira de immolar as victimas consiste em pregal-os pelos pés a um barrote, deixando-os expostos ao sol, sem alimento. Ordinariamente morrem ao terceiro dia, em quanto que a multidão curiosa, se deleita com a horrorosa scena das convulsões. Os cadaveres não são enterrados. Abandonam-os aos cães, lobos, porcos e abutres. Os restos corruptos e dispersos infectam a atmospheria a uma legua em redondo. É, realmente, um espectáculo, cujo horror excede tudo quanto é possível imaginar.

Os paizes que confinam com Dohomey estão de tal modo empobrecidos, que tudo parece um deserto em torno d'esta desgraçada região. Por consequencia os Dahomeyanos nada encontram pelo caminho quando vão atacar os seus visinhos; o que resulta chegarem exhaustos de forças, esfomeados, incapazes de sustentar uma lucta. Isto explica as successivas derrotas, que tem soffrido n'estes ultimos annos.

M. Borghero dá tambem preciosas informações sobre a topographia da Alta Guiné e particularmente sobre o delta do Niger. Segundo elle, a costa de Guiné está cortada n'um espaço de 800 kilometros pelos ramos d'aquelle rio, e estes ramos tem a sua origem no Sodan. Apesar de todas estas noticias a geographia d'esta parte da Africa é ainda muito obscura.

## BEATRIZ

### XII

Eia, gosemos; pela florea taça  
Beba-se o nectar de eternal prazer:  
O goso é fumo que se esvae e passa,  
Quando mais ebrios nos parece ver.

Gosemos muito; sabe Deos se agora  
Negra procella vem rugindo ao perto,  
Se o puro brilho d'esta immensa aurora  
De horrendas trevas ficará coberto!

Somos convivas no festim da vida,  
Que tem se a morte, perpassando atroz,  
Mais de uma rosa vem deixar caida,  
Quando ha tão bellas em redor de nós?

Que tem, se em meio dos festivos cantos  
Que ardente o goso nos inspira já,  
Sussurra o ecco de abafados prantos,  
Que a desventura soluçando está?..

Que tem que o mundo se atropelle e corra  
Após um sonho que atravessa o ar?...  
Que o perca, embora, que esmoreça, e morra,  
Que eu só, ditoso, viverei de amar!—

Vôa, minha alma, pelo espaço em fóra,  
O ceo te inleva resplendendo aberto:  
Gosemos muito! sabe Deos se agora  
Negra procella vem rugindo ao perto!

Voa, minha alma, que d'além, do prado,  
Sobe o perfume que embalsama o vento;  
Deixa este mundo, que a chorar curvado,  
Modula apenas sepulchral lamento.

Eia, gosemos; pela florea taça  
Beba-se o nectar que nos dá prazer:  
O goso é fumo que se esvae e passa,  
Quando mais ebrios nos parece ver.

Gosemos muito! da ventura breve  
Ceifem-se as rosas que viciando estão;  
Ceifem-se todas,—uma só não deve  
Soltar nas brisas seu perfume em vão.

Gosemos muito! que o prazer recenda,  
Em quanto a aurora mil lampejos tem;  
Deixai que a sombra do pesar se estenda  
Sobre os que ficam meditando além.

Somos convivas no festim da vida,  
Ergamos todos n'um só canto a voz;  
Se um parte, embora! que uma flor caida  
Não turba o goso que lateja em nós!—

Continua.

E. A. VIDAL.

O primeiro instrumento da pratica é a voz; e, para cessa ser engraçada no fallar, ha-de ter então propriedades; *ser clara, branda, cheia, e compassada*; porque a voz escura confunde as palavras; a aspera e secca tira-lhes a suavidade; a muito delgada e feminina faz impropria a acção do que falla; a muito apressada empeça e revolve as razões, que por si podem ser muito boas; não trato das que a natureza inhabilitou para esta perfeição, como he a voz do gago, do cicioso, e do rústico grosseiro; mas na do corteção tomara eu estes attributos; porque ha alguns que fallam com a voz tão mettida por dentro, que deixam as palavras para si, e os ouvintes ás escuras que lhes é necessario estar espreitando o que lhes querem dizer; e outros, que pronunciam com tanta aspereza, que espinham as orelhas dos que escutam; e outros que fallam tão apressadamente que parece que levam esporas na lingua.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO.